

PACARAIMA, JORNALISMO DE PAZ E NEWSMAKING: O PAPEL DO JORNALISMO NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO REFUGIADO

CLEYTON COSTA LIMA

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET/TEPP), IRI/PUC-RIO

O PET/TEPP do Instituto de Relações Internacionais (IRI), financiado pelo MEC com aportes da PUC-Rio, oferece a oportunidade de imersão em pesquisa a alunos da graduação do curso, com temas diversos e orientados para público acadêmico e não-acadêmico. Este *briefing*, em particular, é um trabalho individual fruto das discussões de dois núcleos combinados, o Núcleo de Pesquisa em Desenvolvimento (NPD) e o Núcleo de Pesquisa em Refúgio (NPR) do PET/TEPP, o NPR&D.

Contato

+55 (21) 3527-1557

<http://www.iri.puc-rio.br>

<http://www.pet-iri.com>



RESUMO

O presente estudo busca compreender o papel do jornalismo brasileiro na construção da imagem do refugiado. Para isso, utiliza-se como estudo de caso a cobertura do jornal Folha de São Paulo no caso dos refugiados venezuelanos na cidade de Pacaraima durante o mês de agosto de 2018 a partir do Jornalismo de Guerra e Jornalismo de Paz em conjunto com a Teoria do Newsmaking. Observou-se que a Folha de São Paulo pode apresentar e reforçar uma lógica de competição entre brasileiros e refugiados, característico do Jornalismo de Guerra, apresentando os venezuelanos como criminosos, tomadores de serviços públicos e ameaça à integridade local. Por fim, defende-se que a Folha de São Paulo, por seu longo alcance, pode promover o Jornalismo de Paz, oferecendo perspectivas suficientes para a melhor formação da opinião pública brasileira.

INTRODUÇÃO

A busca por informações é um desejo comum e presente na realidade de todos os indivíduos. A imprensa, desde sua criação, possui um papel ativo e importante no processo de produzir e promover dados e informações, tornando toda a complexidade dos acontecimentos e fatos do mundo algo compreensível para toda a população. Ao mesmo tempo, dado a sua grande capacidade na oferta de informações e visões sobre os acontecimentos, a imprensa é fundamental em garantir a maior isenção e neutralidade possível na transmissão da notícia.

Contudo, tal papel nem sempre é cumprido. Como observado por um grande número de estudiosos da teoria do jornalismo, a imprensa e a notícia podem ter papéis importantes na formação societal: ela pode construir uma sociedade, ao mesmo tempo que é construída pela mesma; pode impedir a circulação de notícias e fatos que são contrários aos interesses de certos grupos; assim como definir os assuntos que se tornarão questão de discussão dentro da sociedade (PENA, 2005). Tal questão passa a ser também compreendida por estudiosos da política internacional, a partir do momento que tais notícias são utilizadas para apresentar fatos relativos a crises humanitárias e conflitos armados como meras “competições” entre partes em busca de um determinado objetivo (GALTUNG, 2017)

Nesse contexto, o estudo da atuação dos jornais na construção da imagem do refugiado venezuelano que vem ao Brasil desde 2015, em maior quantidade no ano de 2018, torna-se importante. É importante compreender qual o impacto dessa construção

na opinião pública, que pressionará a formulação de políticas públicas eficazes de reconhecimento, proteção e integração. Ao mesmo tempo que tais notícias podem promover um movimento de reconhecimento e apoio a tais deslocados, elas podem também mobilizar sentimentos e afetos contrários aos refugiados, a partir do momento que eles passam a ser considerados o desviante e a ameaça a estabilidade nacional.

Dessa forma, o presente briefing busca compreender de que forma os jornais constroem a imagem do refugiado venezuelano. Para isso, serão mobilizados os conceitos de jornalismo para a paz e jornalismo para a guerra, desenvolvidos por Johan Galtung (2017), como fundamentação teórica para a análise e a determinação das categorias utilizadas. Galtung (2017) defende que o jornalismo de forma geral apresenta questões críticas como conflitos armados e crises humanitárias como um ambiente de disputa (de duas ou mais partes) quando deveria apresentar tais questões de forma distinta: por que mostrar de forma constante um conflito como uma disputa pela imposição de normas e ideias de um certo vencedor, e não apresentar formas possíveis de superar um conflito, assim avançando a humanidade.

Em seguida, o presente documento se debruçará sobre os refugiados venezuelanos. A partir de dados coletados pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e outros bancos de informações, o briefing busca apresentar quem são esses refugiados, a partir de suas características e particularidades. Além disso, ele busca informar sobre a situação de Pacaraima, cidade de Roraima na fronteira entre o Brasil e a Venezuela, no período analisado, incluindo a atuação da Operação Acolhida na cidade no período do sinistro.

A quarta seção desse documento versará sobre a atuação da Folha de São Paulo, jornal escolhido devido ao seu grande número de acesso e engajamento a partir das mídias físicas e digitais. Nessa seção, o briefing utilizará 18 notícias da FSP durante o mês de agosto de 2018 que acompanhavam a situação dos refugiados venezuelanos na fronteira e na cidade de Pacaraima, analisando a forma e o conteúdo delas para compreender os impactos dessas reportagens na formulação de uma opinião pública. Cabe reconhecer que existem outros diversos veículos de imprensa que possuem importante papel na formação da opinião pública brasileira, mas devido à grande quantidade de leitores, em todo o Brasil, a FSP se torna a principal referência no jornalismo impresso nacional, justificando o seu uso na análise.

Por fim, o presente briefing oferecerá breves conclusões acerca da análise produzida e seus impactos no campo. Além disso, apresentará possíveis formas de mudança no processo de redação de tais

materiais, visando a transformação da imagem construída sobre o refugiado para a opinião pública brasileira, a partir do jornalismo para a paz.

A CONSTRUÇÃO DAS NOTÍCIAS E O JORNALISMO PARA A PAZ

A teoria da construção de notícias defende que a imprensa não possui um papel de refletir a realidade, como muitos autores do jornalismo defendem, mas sim de construí-la. No processo entre a observação de um fenômeno pelo jornalista até a publicação da notícia jornalística, diversos processos são feitos, e o ato observado sofre diversas transformações (e deformações) até se tornar algo compatível com os interesses da imprensa. Nesse sentido, o primeiro movimento realizado em relação a tal perspectiva foi o realizado pela socióloga Gaye Tuchman, considerada até a contemporaneidade uma das maiores pesquisadoras do newsmaking (PENA, 2005).

A autora, em seu livro “Making News”, conclui que os jornalistas trabalham sob a tirania do tempo, visto que qualquer fenômeno pode acontecer em qualquer lugar e qualquer momento, tornando a observação de fatos importantes imprevisíveis. Para responder isso, os jornais distribuem seus jornalistas a partir da geografia (correspondentes), da especialização organizacional (centros políticos) e por tema (a partir das editorias e cadernos). Tal distribuição ainda assim é problemática: no caso geográfico, observa-se a dependência dos jornais em relação a grandes agências de notícias e assessorias de imprensa devido a falta de cobertura completa; os casos organizacional e temático produzem uma concentração determinada de cobertura jornalística em determinados lugares em detrimento de outros (PIMENTEL; TEMER, 2013).

Por conta disso, os jornais passam a desenvolver critérios de noticiabilidade para os fenômenos, determinando o que não deve ser publicado, o que deve ser, e como deve ser escrito. Tuchman (1978) defende que essa ideia de noticiabilidade busca legitimar o status quo, a partir do reforço de instituições sociais já consolidadas e o poder vigente, e da percepção daqueles afastados dessa relação como marginais que podem sofrer violência. Dessa forma, as notícias são contextualizadas no

processo criativo, adquirem significado e função e tornam-se dados do senso comum para os jornalistas, que passam a compreender o que é notícia e o que não é, mesmo com distintos graus de flexibilidade (RETEGUI, 2017).

Nesse contexto, as contribuições do *Jornalismo para a Guerra* e *Jornalismo para a Paz* de Johan Galtung (2017) tornam-se pertinentes, a partir do momento que a forma que tal senso comum é produzido e torna-se o padrão para a redação das notícias, reportando uma certa perspectiva de mundo. Segundo Galtung, existem duas maneiras de observar (e reportar) um conflito. A primeira, denominada “caminho curto”, é a mais predominante na imprensa e observa o conflito como um ambiente de batalha, sob uma perspectiva semelhante a uma competição esportiva: em geral, existem dois lados que combatem entre si buscando impor suas ideias e valores. Nesse ambiente, há um maior enfoque nos “resultados”, como o número de atingidos, o número de vítimas e o quanto o lado vencedor ganhou. A partir disso, as notícias e reportagens passam a apresentar valores que defendem a vitória como elemento fundamental para

uma das partes, em especial aquela que lhe é mais favorável (GALTUNG, 2017).

A segunda maneira apresentada pelo autor, o “caminho longo”, enfoca na transformação do conflito. Nessa perspectiva, o conflito deve ser visto como um desafio para o mundo: conforme um sem número de países e nações ao redor do mundo buscam seus interesses, entrando uma no espaço da outra, o conflito é provável; ao mesmo tempo, esses conflitos podem ser um ambiente profundamente propício para o progresso humano, utilizando o conflito para encontrar novas alternativas para melhorias da sociedade, retirando a necessidade do uso da força como forma de cumprimento dos interesses (GALTUNG, 2017).

Para tornar tal distinção entre o “jornalismo para a guerra” (o caminho curto) e o “jornalismo para a paz” (o caminho longo), Galtung oferece um conjunto de importantes características de ambas. Tais conceitos são fundamentais para compreender o que e como produzir estas perspectivas de noticiar uma crise ou um conflito.

| Jornalismo de Guerra | Jornalismo de Paz |
|---|---|
| <p>1. Orientação para a violência</p> <p>Enfoque na arena de conflito</p> <p>2 partes, apenas uma vence</p> <p>Tempo e espaço fechado</p> <p>Pobre em contextualização</p> <p>Lógica do “nós” contra “eles”, que são desumanizados</p> | <p>1. Orientação para o conflito</p> <p>Enfoque na formação do conflito</p> <p>X atores, Y metas, Z problemas</p> <p>Tempo e espaço aberto</p> <p>Valorização dos impactos invisíveis da violência (danos estruturais, traumas)</p> <p>Humanização de todos, que tem seu direito de fala</p> |
| <p>2. Orientação para a Propaganda</p> <p>Exposição das “mentiras” do outro</p> <p>Apoio ao esconder as “nossas” mentiras</p> | <p>2. Orientação pela verdade</p> <p>Exposição de mentiras de todos</p> <p>Divulgar o secreto</p> |

| | |
|--|---|
| <p>3. Orientado para as elites</p> <p>Enfoque na violência do “outro” e na vitimização do “eu”</p> <p>Valorizar os pacificadores da “elite”</p> | <p>3. Orientado para o povo</p> <p>Enfoque na violência de todos e em todos que sofrem (em especial mulheres, crianças e idosos)</p> <p>Valorizar os pacificadores locais, dando voz aos esquecidos</p> |
| <p>4. Orientado para a vitória</p> <p>Paz = vitória (do que eu torço) + cessar-fogo</p> <p>Enfoque nos acordos e documentos oficiais para a paz</p> | <p>4. Orientado para a solução</p> <p>Paz = não-violência + criatividade</p> <p>Destacar iniciativas de paz, também para prevenir mais guerras</p> <p>Enfocar a estrutura, valorizar as sociedades pacíficas</p> |

Tabela 01: Grade de Galtung

Fonte: GALTUNG, 2017

Dessa forma, em primeiro lugar, o jornalismo de paz busca despolarizar as produções de notícias, apresentando os pontos positivos e negativos de todas as partes envolvidas, a partir da exploração da formação do conflito e oferecendo voz para todos os lados, inclusive as vítimas. O jornalismo de guerra, por outro lado, apresenta apenas o contexto e os interesses de apenas uma das partes envolvidas, gerando um cenário de uma disputa de “nós contra eles”. Essa fronteira entre o reconhecimento de todas as partes ou a disputa entre um “eu” a ser mantido e um “outro” a ser eliminado dentro das notícias será observada a partir da categoria **polarização**.

Em segundo lugar, o jornalismo de paz apresenta um caráter de exposição das verdades e mentiras de todos os lados envolvidos, buscando oferecer a maior transparência e imparcialidade possível dentro de um ambiente crítico como um conflito ou uma crise humanitária. Enquanto isso, o jornalismo de guerra é imparcial, apresentando certas “verdades” que são coniventes aos interesses do lado que o jornalista/jornal defendem, e escondendo outras informações relevantes buscando criar uma certa imagem que justifique um posicionamento. Para

compreender essa distinção entre a transparência e a opacidade, inclui-se a categoria **percepção**.

Em terceiro lugar, o jornalismo de paz mantém um enfoque nas partes que realizam a violência, mas também nas vítimas de tais práticas. Tal ideia permite identificar todos aqueles que promovem práticas agressivas, mas valoriza aqueles que promovem práticas de pacificação, garantindo que tais pessoas tenham sua voz ecoada e ouvida. O jornalismo de guerra, por outro lado, realiza dois movimentos: (a) enfoca na violência do “outro” e o “eu” como vítima; e (b) valoriza os pacificadores da elite e suas práticas impositivas, que tendem a produzir ainda mais violência e um ciclo de instabilidade constante. Para observar tais distinções entre os jornalismo de paz e o de guerra, será mobilizada a categoria **lugar de fala**.

Em quarto, o jornalismo de paz possui uma preocupação grande nos processos após o conflito, buscando compreender e destacar as iniciativas de paz a longo prazo. O jornalismo de guerra, entretanto, compreende o conflito como um fenômeno imediatista, o que leva a um grande enfoque na quantificação e destacamento dos impactos materiais da violência direta (ex.: número de vítimas e mortes) no curto prazo. Para compreender essa distinção entre as

observações de curto e longo prazo, será inserida a categoria ***imediatismo***.

Entretanto, antes de iniciar a análise das reportagens, é importante contextualizar quem são os refugiados venezuelanos que vem ao Brasil. O grande

OS VENEZUELANOS: QUEM SÃO AQUELES QUE ENTRAM NO BRASIL?

A questão dos deslocados venezuelanos se inicia a partir do ano de 2013, com a eleição de Nicolás Maduro por uma pequena diferença de seu opositor, Henrique Capriles, e a forte queda do preço do barril de petróleo, principal insumo de exportação da Venezuela. Com isso, o Produto Interno Bruto do país começa a decair gravemente e a falta de bens básicos tornou-se uma questão comum dentro do território, como mantimentos, medicamentos, produtos de higiene, energia e acesso à emprego (LEITE, 2018). Além disso, a inflação cresce exponencialmente a partir das políticas de limitação de lucros promovida pelo presidente, motivando práticas de sabotagem por empresas não petroleiras, tornando a escassez de insumos ainda maior.

Em 2014, diversos protestos tomam conta do país, convocado por Capriles e outros opositores do governo Maduro. Tais protestos são respondidos com muita violência pela Guarda Nacional Venezuelana, levando a quase 200 presos, 60 feridos e oito mortos. Isso motivou ainda mais o novo presidente a tomar medidas ainda mais autoritárias, deixando de lado o discurso conciliador chavista, e a promover políticas que promoveram ainda mais instabilidade econômica e social. Um exemplo disso são as eleições parlamentares do ano seguinte, no qual a oposição vence a maioria das cadeiras do Parlamento, mas Maduro se recusa a reconhecer o resultado, por isso indicar sua perda de hegemonia no poder Legislativo, embora mantenha o Executivo e Judiciário (BASTOS; OBREGÓN, 2018).

Desde então, a crise se agravou ainda mais. Entre 2016 e 2018, a taxa de desemprego da

número desses migrantes no território brasileiro em um curto tempo gera um grande conjunto de questões e desafios para o Estado, para a mídia e para a sociedade. Por essa razão, é necessário entender quem compõe essa população e qual a situação da cidade de Pacaraima no período analisado.

populaçãose aproximava dos 20%, a inflação se aproximava aos 48.760% ao ano, o líder da oposição é preso, e o Supremo Tribunal de Justiça retira a imunidade parlamentar dos opositores de Maduro e assume o Poder Legislativo. Novos protestos ocorrem, e um número ainda maior de pessoas voltam a protestar contra o governo Venezuelano, que responde com ainda mais violência: um relatório da Humans Rights Watch denuncia que, além das prisões sumárias, foram identificados casos de tortura de opositores nas prisões, o aumento da criminalidade e o número de execuções, em especial na capital Caracas (HUMANS RIGHTS WATCH, 2017).

Nesse contexto, acredita-se que mais de 54 mil venezuelanos tenham migrado para o Brasil, principalmente por Pacaraima, uma pequena cidade de cerca de 15 mil habitantes ao norte de Roraima. Há muitas pessoas que transitam dessa cidade em direção à capital Boa Vista, onde seriam melhor acolhidas, mas muitas acabam permanecendo em Pacaraima devido a falta de recursos para continuar se deslocando, o que justifica a criação do abrigo Janokoida. Esse abrigo foi aberto em 2017, planejando abrigar cerca de 224 pessoas, que seriam protegidas e auxiliadas pelo Governo Brasileiro (a partir das Forças Armadas e órgãos estatais) em parceria com a ACNUR e outras organizações das Nações Unidas. Em agosto de 2018, esse abrigo recebia 631 indivíduos, sendo a maioria de homens enquadrados na população economicamente ativa (18 a 59 anos), que possuíam acesso a saúde, WASH, abrigo e proteção (REACH, 2018b).

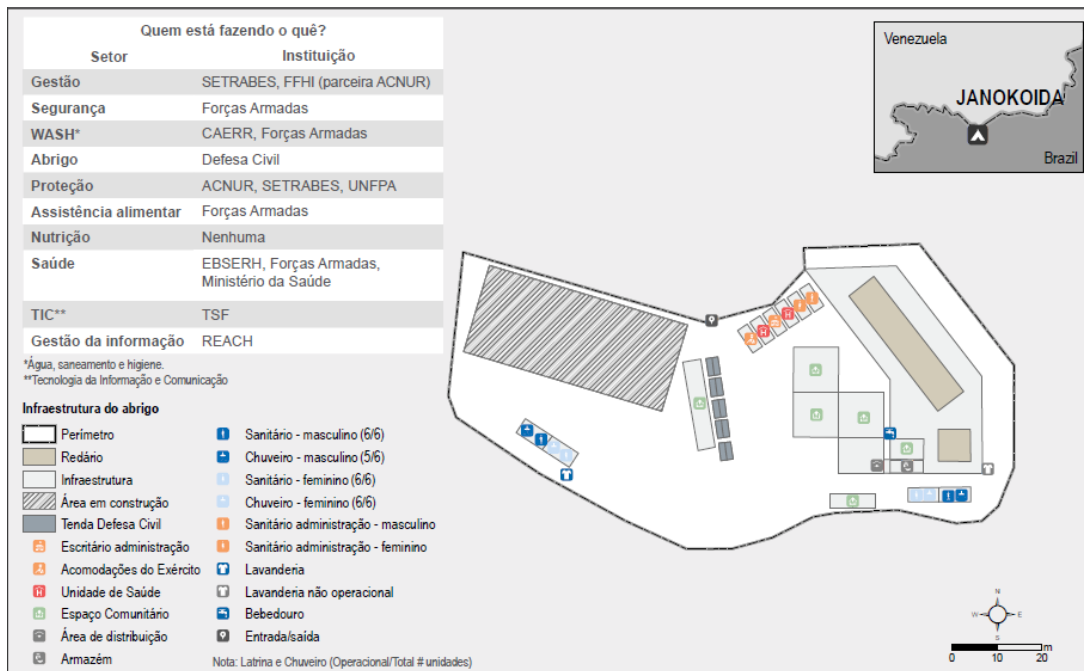


Figura 04: estrutura do abrigo Janokoida.

Fonte: REACH, 2018b.

Contudo, o fluxo de deslocados é maior do que o planejamento, gerando uma concentração desses migrantes nas ruas da cidade. Tal questão se destaca

nos bairros de Vila Velha e Vila Nova, áreas próximas à fronteira entre o Brasil e a Venezuela, com observa-se na imagem abaixo.

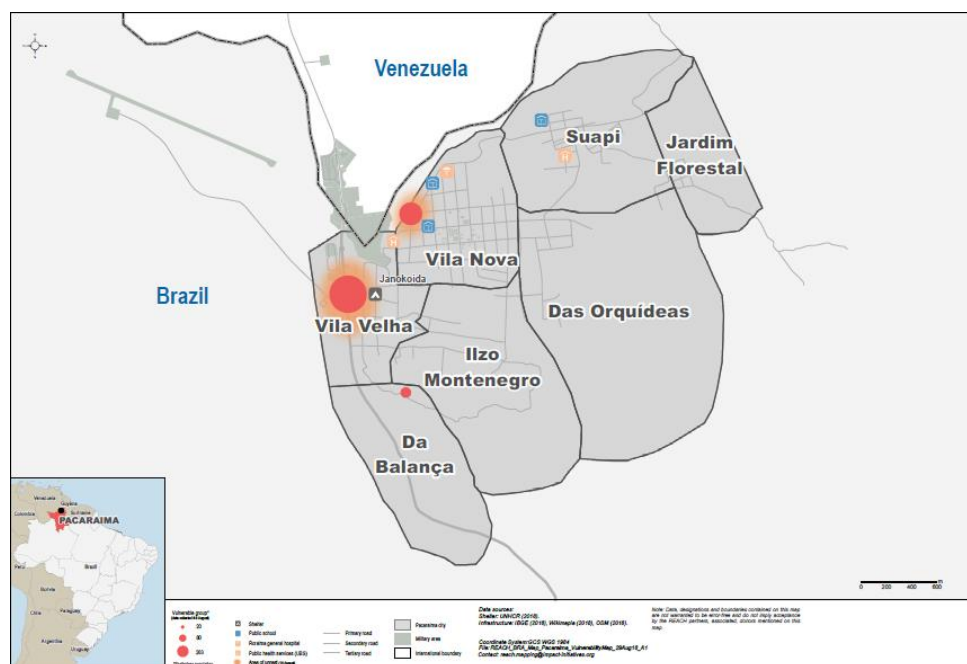


Imagem 05: pessoas vulneráveis na cidade de Pacaraima

Fonte: REACH, 2018c

Nesse sentido, é possível observar elementos comuns nos deslocados venezuelanos da cidade de Pacaraima. A maior parte dos venezuelanos residentes ou permanecendo na cidade são famílias, com o ensino médio completo e alguns com ensino técnico ou

graduação. Muitos são originários dos Estados de Monagas, Anzoátegui e Bolívar, que faz fronteira com o Brasil, fogem da Venezuela devido a escassez de recursos e das questões econômicas, como a falta de

empregos, inflação e oportunidades de permanência (REACH, 2018a).

Tais indivíduos têm empregos informais e irregulares entre 4 a 15 dias no mês, recebendo entre 10 e 40 reais por dia, principalmente como vendedores de rua, manicures, babás e alguns casos de prostituição. Há uma grande falta de empregos para tais indivíduos devido a falta de oportunidades, uma forte discriminação e desconfiança por parte dos brasileiros e a falta de documentação. Também se detectou casos de trabalho infantil de crianças indígenas como vendedoras de rua ou pedintes. O acesso a serviços básicos é variado: os venezuelanos possuem amplo acesso ao Sistema Único de Saúde, embora com certa dificuldade devido a falta de documentos, mas possuem limitado acesso à educação devido a superlotação das escolas e à assistência humanitária, fornecida principalmente por organizações religiosas (REACH, 2018a).

A partir de todos os dados apresentados, é possível compreender de forma mais holística o contexto da cidade de Pacaraima e a condição dos refugiados venezuelanos no mês de agosto de 2018. A partir disso, deve-se analisar e compreender qual a postura do jornal Folha de São Paulo em relação a cobertura jornalística desse fenômeno.

OBSERVANDO A FOLHA DE SÃO PAULO

Para analisar o conteúdo sobre a cobertura da questão de Pacaraima no jornalismo brasileiro e seus impactos na construção da imagem do refugiado venezuelano, optou-se pelo jornal Folha de São Paulo. Isso se justifica por ser reconhecido como o jornal mais vendido do país desde a década de 1980, com papel ativo nos grandes eventos da história recente do país, como a campanha pelas eleições diretas em 1984, e com a defesa da neutralidade e compromisso com a informação. Atualmente, o jornal circula diariamente quase 300 mil edições por todo o Brasil, alcançando praticamente toda a sociedade (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019), o que garante profunda relevância à Folha como promotora de informações e construtora da opinião pública brasileira.

O período escolhido para a coleta das reportagens da FSP, o mês de agosto de 2018, é caracterizado pelo principal conflito entre brasileiros e imigrantes venezuelanos desde o início da crise

humanitária em 2015. Nesse contexto, há a expulsão de milhares de venezuelanos da cidade de Pacaraima por brasileiros armados de paus e pedras, a queima dos seus pertences e a perseguição a quaisquer indivíduos que se posicionasse ou agisse a favor dos migrantes, incluindo membros do Exército Brasileiro, que atuavam nos campos e na fronteira entre os dois países (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018). A partir desse fenômeno, observa-se uma maior atenção ao caso da fronteira, tendo a frequência de reportagens produzidas pela FSP aumentada drasticamente.

A seleção das reportagens seguiu os seguintes filtros: em primeiro lugar, todas as reportagens que não aplicavam os termos “venezuelanos” e “Pacaraima” foram excluídos; em seguida, apenas as reportagens que tratavam do tema da crise migratória venezuelana foram mantidos; por fim, apenas os textos assinados pelos profissionais do jornal e especialistas contratados foram mantidos, assim excluindo editoriais, cartas dos leitores e outros pontos. Dessa forma, apenas 18 reportagens foram utilizadas no presente estudo. Para categorizar tais documentos, foi utilizado o programa Atlas.ti para automatizar o processo de análise qualitativa do conteúdo das reportagens, a partir dos elementos demarcados a partir da grade de Galtung: polarização, percepção, lugar de fala e imediatismo.

Cabe destacar que, conforme Tuchman (1978) e Galtung (2017) afirmam, a forma que a notícia é produzida é responsabilidade de seu jornalista, no sentido que há uma escolha de quem tem direito de voz, de qual fonte dará suporte a um argumento dentre outros elementos, e tais decisões são capazes de oferecer e construir uma determinada imagem sobre aquilo que é reportado. No caso da cobertura da FSP em Pacaraima, observa-se muitas frases e argumentos que carregavam consigo um tom profundamente imediatista, xenofóbico e negativo aos migrantes venezuelanos, vindo desde ao cidadão comum residente da cidade fronteira até aos membros do alto escalão político do país. Isso é fruto de um temor construído historicamente daqueles considerados “outros” frente aos nacionais, vistos como diferentes,

criminosos, inimigos e ameaças à estabilidade na vida dos nacionais.

Nesse sentido, pouco esforço é observado por parte da FSP em promover práticas de expansão do debate sobre os migrantes venezuelanos, buscando observar alternativas e visões distintas da situação, que poderiam oferecer soluções criativas para a garantia da paz. Pelo contrário, em 17 das 18 reportagens observa-se uma forte tendência ao Jornalismo de Guerra conceituado por Galtung (*ano*), apresentando uma disputa em Paracaima entre os brasileiros e os venezuelanos, estes últimos que estão concorrendo com a mão de obra brasileira, geram criminalidade, atacam brasileiros, tomam posse de recursos que “deveriam ser para brasileiros” dentre outros fatores que produzem uma imagem negativa do refugiado. Tais fatores serão aprofundados nos próximos parágrafos.

Em primeiro lugar, a partir da chave da **polarização**, é possível observar uma grande frequência de trechos da reportagem de promoverem a construção de um imaginário de disputa entre os nacionais brasileiros residentes de Pacaraima e os imigrantes venezuelanos. Além disso, ao observar as reportagens que cobrem o período do conflito, a questão da disputa entre ambos é ainda mais grave, oferecendo uma perspectiva para o leitor onde ele se torna um “torcedor” para um dos lados envolvidos.

“Cheguei à 1h, já estava tudo calmo, mas vim ajudar porque temos que defender nosso município”, diz ele em sua loja na cidade, principal porta de entrada dos imigrantes que fogem da crise econômica e política no país vizinho.”
(FOLHA DE SÃO PAULO, 2018)

Tais reportagens apresentam a violência praticada por brasileiros contra venezuelanos como uma medida aceitável a partir do momento que tais estrangeiros são possíveis criminosos e que oferecem impactos

negativos à cidade, como a falta de oferta de serviços básicos, de emprego e segurança pública. Ao mesmo tempo, reforça essa perspectiva a partir da resposta de alguns venezuelanos à violência sofrida pelos mesmos no território brasileiro, após serem forçados a fugir para o território venezuelano.

“Quando o protesto se dispersou, moradores da cidade passaram a andar em bandos pelas ruas da cidade, cuja zona urbana é pequena, procurando pertences de venezuelanos e queimando. Uma tenda que abrigava venezuelanos foi destruída com um trator. Bombas improvisadas de gás e pedras foram usados como munição contra os refugiados.

Das ruas da cidade, o confronto avançou para a fronteira. Com pedradas, um grupo fez venezuelanos recuarem para dentro de seu território até que membros da guarda venezuelana no local disparassem tiros de advertência para evitar a deterioração da situação.

Mas os venezuelanos passaram a quebrar carros de brasileiros na divisa.

“Quebraram meu carro todinho com paus e pedras, estava com a minha sogra e meus dois filhos passando na fronteira”, disse à Folha Cledson Vieira, que estava em um Toyota Corolla em Santa

Elena de Uairén, onde foi buscar a sogra que passou por uma cirurgia.

“Se não fosse a guarda venezuelana, eles tinham matado a gente”, disse ele, que vive em Boa Vista. Há relatos de 50 brasileiros cercados por venezuelanos no local.” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018)

Em segundo lugar, a partir da chave da **percepção**, observa-se que em praticamente todas as reportagens analisadas, o migrante venezuelano era apresentado como um problema que promovia elementos negativos à cidade de Pacaraima e sua população. Nesse sentido, a FSP utiliza-se de frases de oficiais do governo para apresentar o “perigo” gerado pela chegada dos refugiados, não contextualizando a questão e promovendo a ideia de que os refugiados são uma ameaça, silenciando as demandas presentes nesse contexto e culpando os próprios deslocados pelo aumento da instabilidade, o que vai totalmente contrário a promoção de um debate sobre um preconceito governamental ou reduzir o temor popular como poderia ser feito a partir do Jornalismo de Paz.

“Também tem bandido no Brasil, mas são os nossos, não precisamos importar bandido”, diz.” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018).

Tal perspectiva também é corroborada pelos cidadãos locais, que também passam a ter exposição por parte da imprensa. Um exemplo disso é a circulação de vídeos de brasileiros dando um “corretivo” em supostos assaltantes venezuelanos chamados de “venecas larápios” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018). Tais medidas reforçam e promovem um conjunto de medidas propostas por grande parte dos candidatos eleitorais de Roraima no período, que promoveriam

ainda mais exclusão, silenciamento e violência ao migrante venezuelano:

“Precisamos restringir a entrada, exigir atestado de antecedentes criminais, acelerar o processo de interiorização, e mexer nesses tratados internacionais fechados pelo Itamaraty, que deixam todo mundo entrar. Além disso, essas ONGs todas que estão aqui deveriam ir para a Venezuela e atender esse pessoal lá, evitando que eles entrem no Brasil.” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018).

Em terceiro lugar, a partir da chave do **lugar de fala**, buscou-se observar a frequência do direito de fala e de opinião nas situações de conflito envolvendo os venezuelanos, sendo ou dos próprios migrantes ou das elites envolvidas na questão. Nesse caso, a partir da observação das reportagens, nota-se que há uma grande frequência de casos onde membros da elite local são buscados para se posicionar sobre o contexto vivido pelos migrantes.

“É um problema que tem crescido de forma acelerada, só nesse ano as denúncias aumentaram mais de 100% em relação a 2017”, diz a procuradora do Ministério Público Federal do Trabalho em Boa Vista, Safra de Araújo Campo. “E estamos encontrando de tudo: trabalho escravo, exploração infantil, exploração sexual”, diz. “Os brasileiros estão se aproveitando do desespero com que essas pessoas

*chegam aqui para explorá-las.”
(FOLHA DE SÃO PAULO, 2018).*

*“É claro que a população está
com os nervos à flor da pele,
Pacaraima tinha 5 mil
habitantes na zona urbana, e
recebeu mais 3 mil
venezuelanos”, diz Marcelo
Lopes, secretário do gabinete
Institucional do governo de
Roraima.” (FOLHA DE SÃO
PAULO, 2018)*

Pouco se ouviu em relação aos próprios refugiados ou outros atores não estatais envolvidos na questão. Quando estes possuíam direito de fala, eram necessariamente envolvidos em práticas violentas contrárias à sua atuação dentro daquele ambiente. Dessa forma, nota-se novamente a execução de práticas de silenciamento por parte do jornal e por parte da população local.

*“Agarravam os meninos e os
agrediam. Batiam nos pais.
Atiravam pedras, telhas.
Batiam na cabeça”, conta
[YinethManzol]. “Pegaram
nossa comida e nos expulsaram
e outros venezuelanos observam
os restos de suas roupas,
alimentos e objetos que foram
queimadas por moradores de
Pacaraima. Quem estava no
banheiro [e não pode fugir]
ficou sem nada.” (FOLHA DE
SÃO PAULO, 2018).*

*“Recentemente, um advogado de
uma ONG católica em Boa Vista
foi filmado instruindo um grupo*

*de venezuelanos em uma
ocupação sobre seus direitos em
relação à desocupação de
prédios. O vídeo teve mais de
800 mil visualizações e o
advogado foi acusado de
incentivar venezuelanos a
ocupar propriedade privada.
Ele passou a receber ameaças e
fugiu de Roraima.” (FOLHA DE
SÃO PAULO, 2018)*

Por fim, observando as reportagens a partir da chave do **imediatismo**, observa-se uma forte concentração de notícias que buscam apresentar apenas o fenômeno e seus desdobramentos instantâneo, e poucos esforços em contextualizar o problema e pensar em soluções a longo prazo para a questão. Assim, é possível notar a grande frequência na descrição da violência cometida, com enfoque em números e ações, e baixa tendência a apresentar motivações e propostas de solução.

*“Enquanto a fogueira com as
coisas da família Manzol e de
outros queimava, bandos de
brasileiros saíram à caça de
“venecas”. Alguns se
esconderam numa área militar,
mas logo foram descobertos.”
(FOLHA DE SÃO PAULO, 2018)*

*“Quando o protesto se
dispersou, moradores da cidade
passaram a andar em bandos
pelas ruas da cidade, cuja zona
urbana é pequena, procurando
pertences de venezuelanos e
queimando. Uma tenda que
abrigava venezuelanos foi*

*destruída com um trator.
Bombas improvisadas de gás e
pedras foram usados como
munição contra os refugiados.”*
(FOLHA DE SÃO PAULO, 2018)

Além disso, observou-se pouco esforço por parte da FSP em apresentar possíveis questões que pudessem tornar mais compreensível o contexto dos embates, a partir da resposta às questões mais profundas que poderiam surgir a partir da leitura da reportagem. Nesse sentido, a Folha oferecia tal possibilidade apenas nas reportagens disponíveis na versão digital do jornal, que exige assinatura para ser acessada. Isso dificulta o acesso à informação por parte dos indivíduos que consomem a informação impressa e pelos indivíduos que consomem informação digital gratuita, que deixam de ter uma cobertura completa e abrangente das causas estruturais do conflito para ter acesso a uma versão condensada da informação, pautada na busca pela precisão através dos dados e das descrições da violência.

CONCLUSÃO

Dessa forma, o presente estudo buscou observar de que forma os jornais brasileiros constroem a imagem dos refugiados venezuelanos a partir da cobertura da Folha de São Paulo na cidade de Pacaraima durante o mês de agosto de 2018. Observa-se que a FSP apresentou e reforçou com maior frequência uma lógica de rivalidade e disputa entre os migrantes venezuelanos que atravessam a fronteira e a população nacional de Pacaraima, que se envolve na questão como aqueles que se defendem da ameaça estrangeira, que toma para si serviços públicos, investimentos e empregos, enquanto promove violência, desordem e ilegalidade.

O jornal rotula tais refugiados, que atravessam a fronteira em busca de melhores condições de vida frente a um regime político incapaz de manter suficientes condições de sobrevivência a seus cidadãos, como um problema a ser eliminado do país. Tal rotulação, característica de Jornalismo de Guerra, é

uma opção promovida pelo jornal (e seus jornalistas) em apresentar a questão de forma imediatista, apenas no momento que ocorrem os conflitos, e sem apresentar contextualizações fundamentais para a população brasileira se posicionar, violando diretamente o seu próprio princípio de neutralidade e compromisso com a informação.

É importante reconhecer também que este documento não propõe a obrigatoriedade do uso do Jornalismo para a Paz como fundamento editorial, mas defende que a FSP possui uma importância ímpar na formação da opinião pública do país. Com base na quantidade e diversidade das pessoas alcançadas pelo jornal (impresso e digital) pelo país, a FSP tem capacidade em se tornar um agente ativo de mudança caso buscasse promover a discussão, a humanização e o aprofundamento de questões complexas e delicadas como o refúgio, avançando uma postura de iniciativa e acolhimento por parte dos brasileiros para tais indivíduos.

BIBLIOGRAFIA

BASTOS, Julia P. B.; OBREGÓN, Marcelo F. Q. “Venezuela em Crise: O que Mudou com Maduro?”. **Derecho y Cambio Social**. Lima, vol 52, nº 02, 2018

FOLHA DE SÃO PAULO. **Conheça o Grupo Folha**. 2019. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/institucional/o_grupo.shtml?fill=1. Acesso em nov. 2019

GALTUNG, Johan. “Peace Journalism: What, Why, How, When, Where?”. **TMS Peace Journalism**, 2017. Disponível em <obter link>. Acesso em out. 2019

HUMANS RIGHTS WATCH. **Brutality, Torture and Political Persecution in Venezuela**. Caracas, 2017. Disponível em: <https://www.hrw.org/report/2017/11/29/crackdown-dissent/brutality-torture-and-political-persecution-venezuela>. Acesso em nov. 2019

LEITE, Isabella Dias. “Refugiados Venezuelanos e a Mídia Brasileira”. **Relatórios PIBIC 2018**. Disponível em: <<http://www.puc->

rio.br/pibic/relatorio_resumo2018/relatorios_pdf/ccs/IRI/IRI-Isabella%20Dias%20Leite.pdf>. Acesso em nov. 2019

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PIMENTEL, Aldenor da Silva; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. “Newsmaking in Portuguese: uma discussão das hipóteses de Gaye Tuchman no contexto brasileiro”. **Comunicação e Informação**, vol. 15, nº 02, jul/dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/23116/14149>. Acesso em nov. 2019

REACH. **Situation Overview: Venezuelan asylum seekers and migrants living outside of shelters, Pacaraima town**. Pacaraima: REACH, 2018a.

REACH. Janokoida. IN: _____. **Perfil de Abrigos (Roraima)**. Boa Vista: REACH, 2018b.

REACH. **Pacaraima City/Vulnerable Group - August 2018**. Pacaraima: REACH, 2018c.

RETEGUI, Lorena. La construcción de lanoticia desde el lugar del emissor: uma revisiõndelnewsmaking. **Revista Mexicana de Opinión Publica**, vol. 12, nº 23, jul-dez, 2017.

TUCHMAN, GAYE. Making News: A Study in the Construction of Reality. **Social Forces**, vol. 59, nº 4, jan. 1978.

REPORTAGENS UTILIZADAS

FOLHA DE SÃO PAULO. STF indefere pedido de fechamento da fronteira com a Venezuela. **Folha de São Paulo**, 06 de agosto de2018.

FOLHA DE SÃO PAULO. Após 15 horas fechada, fronteira com a Venezuela é reaberta em Roraima. **Folha de São Paulo**, 07 de agosto de2018.

FOLHA DE SÃO PAULO. Venezuelanos e brasileiros se confrontam nas ruas de cidade de Roraima. **Folha de São Paulo**, 18 de agosto de2018.

FOLHA DE SÃO PAULO. Eles nos expulsaram como cachorro, diz imigrante venezuelana em Roraima. **Folha de São Paulo**, 19 de agosto de2018.

FOLHA DE SÃO PAULO. Governo federal vai enviar 120 efetivos da Força Nacional a Roraima. **Folha de São Paulo**, 19 de agosto de2018.

FOLHA DE SÃO PAULO. Temos que defender o município, diz morador de cidade palco de confronto em RR. **Folha de São Paulo**, 20 de agosto de2018.

FOLHA DE SÃO PAULO. Entre venezuelanos, 8 a cada 10 querem deixar região de fronteira. **Folha de São Paulo**, 20 de agosto de2018.

FOLHA DE SÃO PAULO. Boatos alimentam conflito com venezuelanos em região de fronteira. **Folha de São Paulo**, 21 de agosto de2018.

FOLHA DE SÃO PAULO. Mil venezuelanos serão distribuídos pelo Brasil após crise na fronteira. **Folha de São Paulo**, 22 de agosto de2018.

FOLHA DE SÃO PAULO. ‘Há pólvora no chão’ diz general que comanda missão humanitária em Roraima. **Folha de São Paulo**, 23 de agosto de2018.

FOLHA DE SÃO PAULO. Em busca de trabalho, indígenas venezuelanos vão a garimpo no Pará. **Folha de São Paulo**, 24 de agosto de2018.

FOLHA DE SÃO PAULO. Brasil tem lei avançada para proteger imigrante, mas falta efetividade. **Folha de São Paulo**, 25 de agosto de2018.

FOLHA DE SÃO PAULO. Venezuelanos sobrecarregam serviços públicos em RR, que vive crise fiscal. **Folha de São Paulo**, 26 de agosto de2018.

FOLHA DE SÃO PAULO. Governo federal vai enviar mais de 600 venezuelanos para cidades gaúchas. **Folha de São Paulo**, 27 de agosto de2018.

FOLHA DE SÃO PAULO. Abrigo para waraos lotam na região Norte e dois bebês morrem em Belém. **Folha de São Paulo**, 28 de agosto de2018.

FOLHA DE SÃO PAULO. Governo federal autoriza envio de Forças Armadas a Roraima para conter crise. **Folha de São Paulo**, 28 de agosto de2018.

FOLHA DE SÃO PAULO. A exploração dos trabalhadores venezuelanos em Roraima. **Folha de São Paulo**, 29 de agosto de 2018.

FOLHA DE SÃO PAULO. Crise migratória vira principal assunto da eleição em Roraima. **Folha de São Paulo**, 31 de agosto de 2018.